



**Para além do funcionamento argumentativo  
da polêmica anunciada por Paulo Guedes acerca  
das empregadas domésticas brasileiras**

***Beyond the functioning of Paulo Guedes' controversy  
regarding Brazilian domestic workers***

Marilena Inácio de Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Alto Araguaia, Mato Grosso /  
Brasil

marilena-souza@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5380-0963>

Roberto Leiser Baronas

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brasil

baronas@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

**Resumo:** Este artigo toma como objeto de estudo um *corpus* bastante peculiar, a polêmica em torno da afirmação do Ministro da Economia, Paulo Guedes, em fevereiro do ano de 2020, sobre a cotação do dólar e o suposto fato de as empregadas domésticas irem à Disney. Trata-se de analisar um conjunto de enunciados engendrados no fluxo de discursos que se entrecruzaram e se entrechocaram ao retomarem o tema exposto pelo ministro. Interessa compreendê-los enquanto lugar de inscrição, solidificação e propagação da polêmica no espaço público. Este estudo busca compreender a declaração de Guedes não só como lugar de conflito de opiniões, de enfrentamentos, de controversas, mas também de resignificação que engendra resistência. O recorte dos dados permite, por um lado, compreender o funcionamento da polêmica, bem como a função das instituições midiáticas e sua responsabilidade no debate público e, por outro, o papel de resistência dos sujeitos ofendidos. A análise está ancorada em Amossy (2017), acerca da polêmica como modalidade argumentativa e em Paveau *et al.* (no prelo) no que concerne à teoria da resignificação.

**Palavras-chave:** discurso; polêmica; resignificação.

**Abstract:** In this article, the object of study is a very peculiar corpus, the controversy surrounding the statement announced by the Minister of Economy, Paulo Guedes, in February of this year, about the dollar quotation and the supposed fact related to the domestic workers going to Disney. It is a question of analyzing a set of statements engendered in the flow of discourses which intertwined and clashed, when resuming the theme exposed by the Minister. This work has the aim of understanding those discourses as a place for inscription, for solidification and for propagation of that controversy in the public space. This study seeks to understand Guedes' statement not only as a place of conflict of opinions, of confrontations, of controversies, but also as a place of a resignification that engenders resistance. The clipping of the data allows not only to comprehend the functioning of the controversy, but also, on the one hand, the role of the media institutions and their responsibility in the public debate and, on the other hand, the role of resistance of the offended subjects. This analysis is anchored in Amossy (2017), about the controversy as an argumentative modality, and in Paveau *et al.* (no prelo), as far as the theory of resignification is concerned.

**Keywords:** discourse; controversy; resignification.

Recebido em 17 de abril de 2020

Aceito em 15 de junho de 2020

## 1 Problematizando a questão...

Em 12 de fevereiro de 2020, a cotação do dólar atingiu até então, antes da Pandemia Covid-19, o seu maior valor nominal (R\$ 4,35) desde a criação do Plano Real, em 1994. Diante desse quadro do dólar em alta, a imprensa brasileira nos seus mais diferentes dispositivos questionou o ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre as medidas para tentar conter a alta desenfreada da moeda estrangeira e tranquilizar os ânimos do mercado financeiro. Ao responder à imprensa, Guedes, entre outras coisas, afirmou: “é bom que o dólar esteja alto, porque com dólar baixo (...) até empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada”. O pronunciamento preconceituoso do ministro, ao ser discursivizado na grande mídia, tornou-se um lugar de conflito de opiniões, de enfrentamentos, de embates e também de resistências. Trata-se, conforme demonstraremos no decorrer deste estudo, de uma fala polêmica que, por sua vez, contempla uma forte oposição de

discursos sobre questões controversas. Para compreendê-la, selecionamos um conjunto de enunciados engendrados no fluxo de discursos que se entrecruzaram e se entrechocaram ao retomá-la e a analisamos, inicialmente à luz dos estudos de Amossy (2017) e, num segundo momento, a partir das ideias de Paveau *et al.* (no prelo). O recorte dos dados permite não só compreender o funcionamento dessa polêmica, a função das instituições midiáticas e sua responsabilidade no debate público, bem como de que maneira os atores ofendidos na polêmica em questão reagiram frente ao comentário do ministro Paulo Guedes.

Juntamente com Amossy (2017), lembramos que atualmente vivemos uma espécie de paradoxo discursivo, pois apesar de a polêmica ter má reputação, ser considerada como um discurso parcial e apaixonado, não racional, ela tem, por um lado, um lugar preponderante nas mídias, que a exhibe como espetáculo de violência verbal e, por outro, a polêmica enquanto dissenso é o que sustenta as sociedades democráticas. Há que se ressaltar ainda o fato de que geralmente são as mídias que engendram as polêmicas. É o caso da polêmica aqui analisada, que em poucos minutos se disseminou de forma incontrolada; “é nas mídias que a polêmica se difunde – até mesmo se elabora no espaço público” (AMOSSY, 2017, p.73). Isso porque é, nesse espaço, que o debate se torna mais acirrado e as opiniões de diversas instituições e personalidades se dão a ler e a ouvir. Trata-se, portanto, de um lugar de antagonismo de opiniões em que o confronto verbal se manifesta de maneira exponencial.

O confronto de opiniões é entendido aqui como a ação de colocar dois discursos em presença e, portanto, em relação, permitindo assim uma apreciação por comparação. Dito de outro modo, a polêmica tem a função social de gerir o confronto verbal. Se a retórica, como lembra Amossy (2017), é busca de consenso, acordo sobre o razoável, nas democracias plurais o acordo está longe de ser sempre possível. O dissenso é constitutivo dos debates públicos, e nem as leis põem fim a ele. Ele permanece nos debates e ressurgue sempre que possível nas mais variadas formas. Portanto, numa sociedade dividida por interesses de diversas naturezas, a polêmica não conduz ao acordo, mas garante o direito ao contraditório. Assim, a polêmica presume um *face a face* e se torna, num sentido mais particular, um debate que permite a cada um (Proponente/Oponente) expor e defender seu ponto de vista, frente aos pontos de vista dos outros participantes. É, portanto, a atividade que consiste em trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa

que constrói a fala polêmica. Então, a polêmica é, indiscutivelmente, marcada pelo dissenso, pelo litígio enunciativo, isto é, pela presença de discursos antagônicos que, embora conversem, dialoguem não há consenso e sim majoritariamente dissenso. Para além e aquém disso, o discurso e a interação polêmicos cumprem muitas funções.

Eles denunciam, protestam, chamam à ação e, mais geralmente, mantêm, sob o modo do dissenso, a comunicação em espaço público entre facções cujas visões são, às vezes, tão distantes uma das outras, que qualquer contato parece se tornar impossível. (AMOSSY, 20017, p. 100)

Neste artigo, vários aspectos poderiam ser abordados a respeito da polêmica em questão e de sua intensa repercussão midiática. O material é muito vasto e discursivamente interessante. Caberia sem sombra de dúvidas em um estudo que extrapola o de um artigo científico. No entanto, dadas as limitações de espaço de um artigo, não seremos demasiadamente exaustivos na análise. Seguindo inicialmente Amossy (2017) e depois Paveau *et al.* (no prelo), selecionamos apenas alguns excertos em que o debate público se dá de forma mais acirrada, apontam para questões conflitantes, que circulam no interdiscurso e que são retomadas na materialidade linguística dos enunciados analisados. Interessa-nos ainda observar em que medida essas retomadas se transformam em processos de resistência.

Não se trata de um exercício especulativo, mas de um estudo que busca compreender um fenômeno sociodiscursivo muito presente na nossa sociedade atual, na sua materialidade e na sua complexidade. Em outras palavras, não se trata apenas de analisar essa polêmica para melhor compreender aquilo que ela debate. O que importa “não é o problema social tratado pela polêmica, [isto é, o seu conteúdo em si] mas o fenômeno global que ela suscita” (AMOSSY, 2017, p. 09). Ademais, acreditamos ser imperioso também dar conta do outro lado da polêmica, isto é, dos sujeitos que se sentiram agredidos por ela. Esse é um aspecto ainda pouco tratado por Amossy, cuja preocupação maior é o funcionamento argumentativo da polêmica, mas que é objeto de recentes reflexões de Marie-Anne Paveau *et al.* (no prelo), na sua proposta de uma teoria discursiva da ressignificação:

Um ponto em comum desses trabalhos [sobre polêmica na web] é a perspectiva enunciativa (a produção da violência online e a análise dos enunciados produzidos) que geralmente não menciona as possibilidades de resposta propiciada pelos dispositivos da web. Os guias de proteção na Internet destinados aos adolescentes, não indicam nunca, por exemplo, na lista de possíveis reações ao ciberassédio, a possibilidade de resposta qualificadora e reparadora. (PAVEAU *et al.*, no prelo, p. 25)

Paveau *et al.* (no prelo) discutem a necessidade de refletirmos discursivamente sobre as respostas às polêmicas, especialmente, àquelas que insultam determinados sujeitos.

## 2 A polêmica como gestão do conflitual: algumas considerações

Antes de apresentar e analisar os dados coletados, é importante destacar que a polêmica em torno da fala de Paulo Guedes, apesar de se desenvolver nas redes sociais por meio das conversações digitais, não se relaciona exclusivamente a este contexto. Ela envolve um contexto político, econômico e cultural exteriores à internet que, no entanto, está se desenvolvendo nesse espaço de forma aparentemente desregada, cuja linguagem ultrajante busca injuriar e insultar o oponente. Trata-se geralmente, como veremos, de interações hostis e agressivas nas discussões *on-line*.

Sobre essa questão, Amossy (2017) observa que, nas conversações digitais, os internautas se utilizam de uma máscara, espécie de pseudônimo, um *avatar*, que lhes permitem fazer uso da violência verbal e atacar a face do outro sem sofrer nenhuma sanção. É no interior do jogo de máscaras, segundo a autora, que ocorre uma despersonalização e, por isso, uma desresponsabilização tanto na esfera jurídica quanto na esfera social e na ética. Nesse caso,

o debate polêmico não opõe mais atores sociais, mas “avatares”, seres dotados de uma identidade fictícia no *cyberespaço*. Na carnavalização da fala política, que suscita o jogo de máscaras, o internauta concederia a si mesmo todos os direitos, a ponto de os piores excessos serem temidos. (AMOSSY, 2017, p. 174)

No entendimento da estudiosa francesa, longe de serem meras explosões individuais de humor, as interações hostis *online* estão, ao

contrário, relacionadas a conflitos psicossociais. Até na sua brutalidade, essas interações participam de um ritual que modela as relações agonísticas no fundamento da polêmica. Significa dizer que a violência verbal não esvazia a argumentação. Ao contrário,

é a coexistência da argumentação e da violência que permite às discussões violentas virtuais não caírem na agressividade pura e se manterem no enquadre contextual da polêmica como modalidade argumentativa caracterizada pelo choque de opiniões antagônicas. Elas não constituem um comportamento verbal desenfreado que permita suscitar todas as inibições, mas um modo de gestão do conflito no qual o dispositivo do midiático concede um lugar não negligenciável à violência verbal. (AMOSSY, 2017, p. 178).

Nesse sentido, por mais que pareça contraditório, dado o seu tom marcadamente passional, uma interação polêmica, segundo Amossy (2017), é sempre muito bem argumentada. Por isso, a questão de seu pertencimento à argumentação se inverteu: não se trata mais de saber se convém colocar a polêmica fora do domínio da argumentação, mas de se perguntar em que medida ela se distingue da deliberação. Para a autora, essa questão se esclarece à medida em que adota uma concepção modular da argumentação, definindo-a como um *continuum* que vai da construção das respostas ao choque de teses antagônicas. Refere-se a estruturas de interações globais qualificadas como modalidades argumentativas. A polêmica como interação fortemente agonística que permeia os gêneros (discurso na Câmara, artigo de opinião...), assim como os tipos de discursos (jornalístico, político...) é uma modalidade argumentativa situada em um dos polos do *continuum*, até o limite extremo de suas possibilidades. Tem-se aí uma manifestação argumentativa sob a forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara dicotomização na qual duas posições antitéticas, muito longe de se avizinharem, se excluem mutuamente. Enquanto o debate argumentado supõe direcionar os participantes para uma possibilidade de solução, a dicotomização “radicaliza o debate, tornando-o difícil – frequentemente impossível – de resolver” (DASCAL, 2008 *apud* AMOSSY 2017, p. 50).

Em síntese, a polêmica que trata de questões de interesse público, como a aqui analisada, é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada

por uma tendência à dicotomização que, por sua vez, torna problemática a busca por um acordo. A polêmica toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo. Fora desse espaço, não pode emergir nem se desenvolver. A gestão dessas tensões é, evidentemente, delicada e pode variar de um gênero do discurso ao outro, e de uma polêmica à outra. Tal aspecto levanta a questão das rupturas de contrato, dos desequilíbrios e dos excessos, cuja natureza e consequências devem ser examinadas *in loco*. É preciso, ao mesmo tempo, salientar que nem toda situação conflitual gera uma intervenção polêmica, porém, é fato que toda polêmica é fruto do conflitual. “Ele não está apenas dentro da polêmica: ele se situa fora dela e constitui sua fonte.” (AMOSSY, 2017, p. 53).

Como vimos, o trabalho de Amossy (2017) é lapidar para dar conta do funcionamento argumentativo da polêmica. Todavia, ancorados em Paveau *et al.* (no prelo), entendemos que é preciso ir além da dicotomia “Proponente” *versus* “Oponente” e pensar, sobretudo, que os sujeitos ofendidos numa polêmica nem sempre reagem passivamente ao que lhe foi impingido enquanto um desacato, uma violência verbal, por exemplo. As reações podem ser as mais variadas: de uma simples recusa da ofensa, dizendo da sua não pertinência, até o engendramento de todo um trabalho por parte do sujeito insultado, a partir do insulto, subvertendo-o para o próprio sujeito insultante.

Com base na análise de dados que circulam na *web 2.0*, especialmente, na dita *web social* participativa, Paveau *et al.* (no prelo), a partir de uma análise do discurso digital, propõem toda uma teoria, que busca dar conta justamente desse trabalho do sujeito ofendido, subvertendo o insulto ao seu favor e/ou em direção ao sujeito insultante. A resignificação é proposta para se pensar a argumentação que erige um contradiscurso a partir de um enunciado ofensivo e, assim, regenera-se, reabilitando seu poder de ação (BUTLER, 1990). Trata-se da teoria resignificação discursiva. Esta teoria está fundada em um conjunto de práticas tecnodiscursivas que circulam na *web*, sobretudo, como já dissemos, na dita *web social* participativa.

Paveau *et al.* (no prelo) apresentam uma tipologia dessas práticas tecnodiscursivas, baseando-se em três categorias: a rencontextualização enunciativa – retoma-se o enunciado insultante engendrando em seu lugar uma resignificação; a publicação analógica – retoma-se o enunciado insultante engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou; a

produção de um dispositivo cultural – retoma-se o enunciado insultante engendrando em seu lugar uma ressignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou, e essa ressignificação se transforma num dispositivo cultural, intelectual de resistência. Nesse sentido, os autores propõem uma

teorização da ressignificação, de modo à convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a ressignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A ressignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para repostar aos seus ofensores]. (PAVEAU *et al.*, no prelo, p. 30).

A ressignificação por recontextualização enunciativa é entendida por Paveau *et al.* (no prelo, p. 36) como a prática mais comum de ressignificação:

De um ponto de vista linguístico, trata-se da repetição de palavras, enunciados ou signos sob a forma da origem, em contextos diferentes a partir de uma fonte enunciativa diferente, pois está relacionada à pessoa ofendida. É a colocação em circulação discursiva que produz a ressignificação (PAVEAU *et al.*, no prelo, p. 30).

Observam ainda que a recontextualização se dá a partir do código semiótico dominante (escrito, oral, imagético e sonoro). Assim, os autores designam como dominante escritural as produções plurissemióticas nas quais o escrito é o código dominante. Nesse sentido, elencam três possibilidades: a republicação simples; a republicação como comentário ressignificante e a retomada enunciativa.

No que concerne à forma dominante icônica, Paveau *et al.* (no prelo) apresentam uma possibilidade: a publicação de *selfies*,



*fotografias* incluindo o ofendido e o ofensor. No que se refere às formas plurissemióticas na dominante oral, propõem duas possibilidades: a leitura em voz alta dos comentários ofensivos e o cantar dos comentários ofensivos. Já sobre a publicação analógica, (entendida como “a colocação em rede de uma produção tecnodiscursiva análoga àquela do “ataque”), sugerem duas possibilidades: a publicação analógica de imagens fixas e a publicação analógica de imagens em movimento (vídeo). Por último, os autores entendem a ressignificação por produção de um dispositivo cultural ou intelectual como um conjunto de respostas ressignificantes relacionadas à construção de dispositivos tecnodiscursivos culturais ou intelectuais: “os sujeitos agredidos produzem enunciados ressignificantes a partir de suas competências técnicas, relacionadas ao seu campo profissional, mídias e ciências humanas”. Para esse tipo de ressignificação, há, na compreensão dos autores, três possibilidades: a criação midiática; o dispositivo icônico-discursivo-financeiro e a produção do saber científico.

Para analisar a ressignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, os pesquisadores franceses apresentam ainda sete critérios linguístico-(tecno)discursivos, que, segundo eles, constituem a ressignificação como processo discursivo:

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque, etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos” (BUTLER, 2004, p. 234);
6. critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;

7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (KUNERT, 2010). (PAVEAU *et al.*, no prelo, p 39).

Com base nesses critérios, os autores definem a ressignificação como uma prática languageira, linguística e material de resposta (2)<sup>1</sup> a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

Os critérios elencados por Paveau *et al.* (no prelo) também serão mobilizados na análise dos dados que, por sua vez, circularam em diferentes *mídiuns* (revistas; jornais; entrevistas; programa de rádio e televisivo; *blogs*, *Twitter*, *etc*) e são bastante representativos do que Amossy (2017) designa como interação polêmica, isto é, um conjunto de discursos antagônicos que denunciam, protestam, chamam à ação e, mais, geralmente, mantêm, sob o modo do *dissenso*, a comunicação em espaço público entre indivíduos, cujas visões são diferentes e excludentes. É uma interação polêmica na medida em que se apresenta, de um lado, como uma reação direta, sob a forma de refutação à fala do ministro e, de outro, em consonância a ela.

### **3 Sobre a declaração de Paulo Guedes e sua repercussão midiática: uma polêmica em debate**

Com o dólar cotado a R\$ 4,35, maior valor nominal até então desde a criação do plano Real, o alto índice de desempregados<sup>2</sup> e a arrecadação do PIB abaixo das expectativas, a economia brasileira vem dando sinais de que está enfrentando uma forte recessão. No entanto, o ministro da Economia, Paulo Guedes, declarou durante o Seminário de Abertura do Legislativo 2020, no dia 12 de fevereiro, que a taxa de câmbio

---

<sup>1</sup> Languageiro porque se trata do uso das palavras, linguístico, pois existe uma dimensão metadiscursiva, material, uma vez que a ressignificação deve ser publicada numa mídia das mais atuais às mais antigas para ser compartilhável.

<sup>2</sup> O Brasil ainda tem 12,5 milhões de pessoas desocupadas, conforme dados divulgados pelo IBGE em fevereiro de 2020.

mais alta é “boa para todo mundo”. Ele ilustrou seu raciocínio dizendo que, com o dólar numa cotação mais baixa, até mesmo a “empregada doméstica” estava viajando para a Disney, nos Estados Unidos. Nas palavras do ministro,

não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Vamos exportar menos, substituição de importações, turismo, todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada. Pera aí. Pera aí, pera aí. Vai passear ali em Foz do Iguaçu, vai passear ali no Nordeste, está cheio de praia bonita. Vai para Cachoeiro do Itapemirim, vai conhecer onde o Roberto Carlos nasceu, vai passear o Brasil, vai conhecer o Brasil. Entendeu? Está cheio de coisa bonita para ver. (GUEDES, 2020, *apud* SOUZA; MATOSO, 2020).

Na sequência, Guedes buscou esclarecer sua declaração:

Antes que falem, o ministro diz que a empregada doméstica está indo para a Disneylândia. Não. O ministro diz que o câmbio estava tão barato que todo mundo estava indo para a Disneylândia, até as classes mais baixas. Todo mundo tem que ir para a Disneylândia conhecer 1 dia, mas não 3, 4 vezes por ano. Porque com dólar a R\$ 1,80 tinha gente indo 4 vezes por ano. Vai 3 vezes para Foz do Iguaçu, Chapada Diamantina, conhece 1 pouquinho do Brasil, vai ver a selva amazônica. E na 4ª vez, você vai para a Disneylândia, em vez de ir 4 vezes ao ano. (GUEDES, 2020 *apud* SOUZA; MATOSO, 2020).

A declaração de Guedes repercutiu imediatamente na mídia, tornando-se objeto de intensa polêmica. Ou seja, foi retomada e comentada por personalidades de diversas classes político-sociais, sobretudo pelas empregadas domésticas, que se sentiram ofendidas pelas palavras preconceituosas do ministro. A Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos (Fenatrad), por exemplo, representada pela atual secretária-geral, Creusa Maria Oliveira, comparou a fala do ministro da Economia, Paulo Guedes, com a de um “senhor de engenho”. Para ela, as declarações de Guedes revelaram um “pensamento preconceituoso e discriminatório da classe trabalhadora”. Acrescentou que não ficou surpresa, já que entende a administração da atual gestão como uma “condução da economia voltada para a precarização do trabalho”:

Não fiquei surpresa com as declarações dele porque revelam o pensamento preconceituoso e discriminatório com o qual o governo trata não só os trabalhadores domésticos, mas também os servidores públicos. É uma total falta de respeito com a classe trabalhadora, com os negros, com os índios. (OLIVEIRA, 2020 *apud* MÍDIA4P, 2020).

Em consonância com Oliveira (2020), também se manifestou, em entrevista aos jornalistas Marilu Cabañas e Glauco Faria (2020), da Rádio Brasil Atual, a presidenta do Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos, Janaína Mariano de Souza: “A gente espera, de verdade, que o ministro venha a se retratar, porque é uma categoria que passa por tanta discriminação e agora mais essa”.

No mesmo sentido, Luis Arthur Nogueira, colunista do *Istoedinheiro*, ponderou:

o ministro poderia ter colocado a sua opinião sobre o câmbio sem deixar escapar um preconceito terrível. Ele pode até dizer que não teve a intenção, mas o raciocínio por trás da sua declaração foi o seguinte: empregadas domésticas são pessoas pobres e pessoas pobres não podem ter dinheiro para ir à Disney. Se até elas conseguiram viajar é porque o câmbio estava completamente errado. Ele inclusive sugeriu que as viagens fossem feitas dentro do Brasil. (NOGUEIRA, 2020).

Aquecendo ainda mais a polêmica, tem-se a declaração ao jornal *UOL* de Deborah Duprat, Subprocuradora-Geral da República, que está à frente da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) do Ministério Público Federal:

É muito grave um ministro de Estado afirmar que o servidor público é um parasita como categoria e que trabalhadora empregada doméstica está viajando demais à Disneylândia. Contudo, isso não está restrito às suas declarações. Paulo Guedes está propondo, de fato, que isso aconteça. Ou seja, que esses ‘parasitas’ não mais existam e que as empregadas nunca possam viajar. (DUPRAT, 2020, *apud* SAKAMOTO, 2020).

Diversos internautas também acusaram o ministro de preconceituoso e de governar apenas para as classes mais abastadas. Reclamaram ainda da falta de respeito com os mais pobres. O ex-presidente da República,

Luiz Inácio Lula da Silva, esteve entre os que criticaram Guedes nas redes sociais. Segundo ele, “o ministro faz parte de um grupo de pessoas que não suporta nem a ascensão social dos mais pobres, nem o desenvolvimento soberano do Brasil”. Na mesma linha de Lula, manifestaram-se correligionários do ex-presidente como os parlamentares Erika Kokay (DF), Paulo Pimenta (RS) e Alexandre Padilha (SP).

Do Congresso, o deputado do PSOL eleito pelo Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, gravou um vídeo na noite da quarta-feira, 12, em que chamou Guedes de “parasita”. A fala do ministro representa, segundo Freixo, um “pensamento de dono de escravos, elitista e covarde”. Na manhã de quinta, 13 de fevereiro, ele ainda tuitou: “Paulo Guedes está numa disputa acirrada com Weintraub pelo título de ministro mais nojento deste governo de parasitas”. A deputada Tabata Amaral (PDT-SP) concordou com Freixo ao afirmar que “a fala de Guedes revela seu preconceito, racismo e sua visão de senhor da senzala”.

Dentre os membros do governo, o único que prestou apoio ao ministro da Economia foi o titular da pasta de Meio Ambiente, Ricardo Salles:

Meu carinho, admiração, respeito e incondicional apoio ao amigo e Ministro Paulo Guedes. Melhor ministro da economia do mundo. Pessoa séria, espontânea e que por sua pureza de caráter ainda não compreendeu que tudo que disser será distorcido e maliciosamente manipulado. (SALLES, 2020, *apud* BITENCURT, 2020).

Para Onyx Lorenzoni, ministro da Cidadania, o titular da Economia, Paulo Guedes, foi “infeliz”:

Acho que a frase foi infeliz. Eu adoraria poder dizer o contrário, que bom que todas as pessoas no Brasil, independente de sua condição funcional, possam ter uma renda tão boa que os permita ir aonde eles quiserem. A gente tem que entender que felicidade, cada um tem a sua, (cada um) tem a sua diversão. (LORENZONI, 2020, *apud* MACEDO, 2020).

Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, por sua vez, tentou se isentar de qualquer responsabilidade sobre a declaração de Paulo Guedes. “Pergunta para quem falou isso, eu respondo pelos meus atos.” (BOLSONARO, 2020, em entrevista a MAIA, 2020). A repercussão foi tanta, que os termos *dólar*, *empregada doméstica* e *Disney* ficaram entre os mais comentados nas redes sociais, o que fez o nome do ministro da

Economia liderar os *trending topics* do *Twitter* na manhã de quinta-feira, 13 de fevereiro. Diante da forte repercussão, Guedes, durante o evento de uma nova linha de crédito imobiliário da Caixa Econômica Federal, com taxa de juros fixa, citou as domésticas ao afirmar que a nova modalidade de crédito vai beneficiar as famílias mais humildes: “É justamente também as famílias mais humildes, empregadas domésticas, inclusive, a quem eu peço desculpas, se puder ter ofendido, dizendo que a mãe do meu pai foi uma empregada doméstica.” (GUEDES, 2020, *apud* MAZUI, 2020). Em seguida, afirmou que a sua declaração sobre as domésticas viajarem à Disney era reflexo de uma política de preços que estava “empurrando a população em direção equivocada” e ressaltou que a referida declaração foi tirada de contexto. No entanto, após pedir desculpas, o ministro questionou qual o problema de fazer a referência às domésticas.

A nova declaração de Guedes não pôs fim à polêmica, ao contrário, provocou nos dias seguintes uma enxurrada de novos comentários na mídia. Não os retomaremos aqui por acreditar que os exemplos expostos dão conta do objetivo proposto. Ou seja, evidenciam que a confrontação dicotomizada de teses antagônicas, a polarização que ela desencadeia e a desqualificação do adversário supõem sujeitos profundamente implicados no debate. De fato, é quase impossível participar de um debate caloroso sem se engajar pessoalmente. Dito de outro modo, o locutor inscreve marcas de subjetividade no discurso e toma veementemente uma posição afirmando, negando, utilizando a interrogação, a exclamação etc.

É isso que faz da polêmica uma modalidade argumentativa e não um simples discurso agressivo. Apesar da manifestação de falas “virulentas” (“ministro preconceituoso”, “nojento”, “racista”, “senhor de engenho”), sobretudo as dos manifestantes do movimento e partidos de esquerda em resposta ao ministro, o que fundamenta a polêmica é o conflitual e não a violência. Significa dizer que “para a polêmica, a violência verbal não é nem uma condição suficiente, nem necessária” (AMOSSY, 2017, p. 167). Mesmo quando a acompanha, como nos casos acima, ela o faz mais como auxiliar do que como um traço definitório. Trata-se de um registro discursivo e não de uma modalidade argumentativa. Sua função é manifestar e intensificar a dicotomização, a polarização e o descrédito que fundamentam a polêmica. Em si mesma, ela não faz um discurso rude e incontrolável. Isso porque ela é funcional e regulada. No entanto, ela auxilia a polêmica a exercer diferentes funções, como, por exemplo, o protesto ou a incitação à ação. Nesses casos, os

debatedores instauram não apenas uma divisão entre adversários, mas um “nós” diante de um “eles”, situando-os em campos inimigos. Em outros termos, os internautas se reúnem diante do computador em um julgamento cuja linguagem virulenta não é apenas um escape. Ela os conduz em um mesmo ímpeto para exprimir uma rejeição coletiva, capaz de silenciar comportamentos que julgam intoleráveis como, por exemplo, o do ministro da Economia em relação às classes menos favorecidas.

Como bem demonstram os dados analisados à luz de Amossy (2017), a polêmica em si não é incontrolável, dado que ela é gerida, isto é, o conflito gerado é administrado. No entanto, é preciso considerar que a polêmica, para além de colocar os sujeitos em lugares antagônicos (um “nós” *versus* um “eles”), há sempre a possibilidade de esses sujeitos se sentirem agredidos e desenvolverem estratégias de subversão dos insultos, quer seja em seu favor e/ou em direção ao sujeito insultante, com base no engendramento de diferentes práticas tecnodiscursivas que, como vimos, podem ser entendidas a partir de três categorias, que vão da mais simples a mais complexa: a rencontextualização enunciativa; a publicação analógica e a produção de um dispositivo cultural Paveau *et al.* (no prelo). Mobilizaremos a seguir os postulados de Paveau e Costa (no prelo) para dar conta das manifestações dos sujeitos agredidos pelo comentário preconceituoso do ministro Paulo Guedes.

#### IMAGEM 1 – Matéria publicada no site do UOL



Fonte: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/13/paulo-guedes-empregadas-domesticas-viagem.htm>

Na Imagem 1, que pode ser entendida a partir das proposições de Paveau *et al.* (no prelo) como uma recontextualização enunciativa simples, temos a Antônia da Silva de Maceió, que exerce a profissão de doméstica, ressignificando o comentário de Paulo Guedes, dizendo: “Se a gente tiver condições, vai aonde a gente quiser”. Trata-se de um enunciado ressignificante, que busca reverter o insulto de Guedes, chamando a atenção para a liberdade individual dos sujeitos, que com base nos seus próprios recursos, podem ir para onde desejarem.

Nessa imagem,<sup>3</sup> funcionam cinco dos sete critérios propostos por Paveau *et al.* (no prelo):

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto a respeito da identidade de um grupo – o comentário de Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas - “é bom que o dólar esteja alto, porque com dólar baixo (...) até empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada”;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida – a fala da profissional Antônia da Silva – “Se a gente tiver condições, vai aonde a gente quiser”;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria, provocando uma simples recontextualização – a profissional não entra no mérito da ofensa em si;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica – o enunciado produzido pela profissional desloca a questão para a liberdade individual das pessoas;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos” – o enunciado produzido pela profissional passa a circular em outros dispositivos tecnodiscursivos, por exemplo, na página de economia de um site de notícias.

---

<sup>3</sup> Poderíamos discutir aqui também a maneira como a matéria do UOL, por meio do seu título, designou os envolvidos na polêmica: de um lado temos Guedes, o ministro, e de outro, Domésticas, as profissionais Marinalva de Souza e Antônia da Silva. Estes últimos nomes, diferentemente do ministro, só aparecem no corpo da matéria. Essa questão, embora pertinente, fugiria do principal objetivo do nosso trabalho.



O site BBC Brasil, em 13 de fevereiro passado, um dia após a declaração polêmica, publicou uma matéria<sup>4</sup> na qual tecia várias críticas ao comentário preconceituoso de Paulo Guedes (IMAGEM 2). Na matéria, organizada a partir de *twittes* (IMAGEM 3) de empregadas domésticas e parentes, também é possível verificar o funcionamento discursivo da resignificação proposta por Paveau *et al.* (2020).

IMAGEM 2 – Matéria publicada no site BBC Brasil.

### **'Em que Brasil você vive?': empregadas domésticas e parentes que nunca saíram do Brasil reagem a fala de Guedes**

13 fevereiro 2020

f b t e Compartilhar



"tinha até empregada doméstica indo pra disney"  
senhor paulo guedes??? minha mãe, empregada doméstica, trabalhava a semana inteira na casa de várias senhoras, ainda era manicure e confeitadeira, mas nunca conseguiu nem sair da cidade pra visitar os pais!!! EM QUE BRASIL VC VIVE???

Fonte: [www.bbc.com/portugues](https://www.bbc.com/portugues)

<sup>4</sup>Essa matéria pode ser acessada em <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-51476202>

IMAGEM 3 – Post de *Twitter*

Fonte: *Twitter web app*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-51476202>

Nesse caso, trata-se de ressignificação a partir de uma publicação analógica. Organizada com base em um hipergênero<sup>5</sup> (matéria jornalística + comentários postados no *twitter* – em forma de captura de tela) essa publicação questiona a declaração de Guedes, a partir da pergunta em caixa alta, intensificando a indignação, “EM QUE PAÍS VC VIVE???” e da declaração de que mesmo a mãe sendo empregada doméstica há 40 anos, ela nunca foi à Disney. Diferentemente da matéria precedente, que questionava a liberdade de os sujeitos viajarem, esta busca evidenciar o total descolamento da realidade do ministro.

Observamos aí sete critérios funcionando:

<sup>5</sup> Segundo Maingueneau (2015, p. 130) “um hipergênero não é um gênero de discurso, mas uma formatação [textual] com restrições fracas que podem recobrir gêneros muito diferentes. Alguns hipergêneros como o diálogo, o jornal, ou a carta, são, antes de tudo, modos de apresentação formal de organização dos enunciados: [a depender dos efeitos visados] eles restringem frouxamente a enunciação. Outros como o relatório ou entrevista são mais restritivos”.

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto a respeito da identidade de um grupo – o comentário preconceituoso de Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas – “é bom que o dólar esteja alto, porque com dólar baixo (...) até empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada”;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida – uma matéria jornalística organizada a partir dos *twittes* dos parentes das empregadas domésticas, que incorporaram para si o insulto do ministro – “EM QUE PAÍS VC VIVE???” e a declaração de que, mesmo a mãe, sendo empregada doméstica há 40 anos, ela nunca foi à Disney “;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido não é mais origem enunciativa da resposta, mas sim os seus parentes que retomam o enunciado ofensivo por conta própria, incorporando para si e provocando uma recontextualização; esta recontextualização é retomada pelo *site* de notícias e transformada em analógica;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica – o enunciado produzido pelos parentes das empregadas produz uma inversão de sentidos, e essa inversão passa a circular no site se contrapondo à ofensa do ministro;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado inicialmente pelos parentes das empregadas domésticas e depois pelo site de notícias implicando a “abertura a contextos desconhecidos” – o enunciado produzido pelos parentes das empregadas é apropriado pelo site e passa a circular em outros dispositivos tecnodiscursivos, por exemplo, num site de notícias.
6. critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo: domésticas, parentes e imprensa, cada uma a seu modo incorpora o insulto e o devolve ao ofensor, mostrando o seu total desconhecimento da realidade brasileira;
7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é, num certo sentido, revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante.

Além de o ministro ter de se retratar publicamente,<sup>6</sup> a sua fala provocou diversas manifestações da sociedade civil em defesa das empregadas domésticas,<sup>7</sup> a exemplo do conteúdo da Imagem 4.

IMAGEM 4 – Matéria publicada no site Pragmatismo político

## Psicanalista explica por que Paulo Guedes fala mal dos pobres

Coordenador do Laboratório de Psicanálise da Universidade de São Paulo explica por que Paulo Guedes fala mal dos pobres publicamente



Ministro da Economia, Paulo Guedes Foto: PR/Isac Nóbrega

Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/02/paulo-guedes-domesticas-pobres.html>

A matéria em questão, publicada no *site* Pragmatismo Político em 14 de fevereiro passado, mostra que a fala preconceituosa do ministro Paulo Guedes em relação às empregadas domésticas tornou-se também objeto de trabalho de especialistas, engendrando um dispositivo

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, a matéria publicada no dia 20/02 em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/20/em-discurso-paulo-guedes-pede-desculpas-as-empregadas-domesticas.ghtml>

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, o belo artigo de Preta Rara, artista, *rapper*, historiadora, mulher preta e gorda, publicado em GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra: [https://www.geledes.org.br/ministro-paulo-guedes-fui-empregada-domestica-e-preciso-te-dizer-uma-coisa/?gelid=CjwKCAjw1cX0BRBmEiwAy9tKHnG\\_swi1kkAHA9Vy9iz9tVEXzgiDyyrOq6-xmIdu7j12WINZZ-ShEhoC0vgQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/ministro-paulo-guedes-fui-empregada-domestica-e-preciso-te-dizer-uma-coisa/?gelid=CjwKCAjw1cX0BRBmEiwAy9tKHnG_swi1kkAHA9Vy9iz9tVEXzgiDyyrOq6-xmIdu7j12WINZZ-ShEhoC0vgQAvD_BwE)

intelectual. Nessa matéria, o psicanalista Christian Dunker, Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, defende que é possível constatar uma regularidade discursiva nas falas de Guedes, a saber: todas elas têm como objeto de preconceito os pobres.

Depois que expõe suas teses, ele [Guedes] precisa dizer algo para “ganhar” o interlocutor e acaba soltando essas ideias. Com Lula, eram as metáforas de futebol, que faziam com que a ideia, que já tinha sido entendida cognitivamente, fosse compreendida relacionalmente. É o momento do “tá entendendo ou quer que explique melhor?” É a irrupção do nível metafórico, uma vez que o pacto da comunicação requer, de quando em quando, um momento fático.

Aí se denuncia mais claramente com quem a pessoa está falando, qual o destinatário, o público-alvo com o qual ele quer fechar o “contrato”. Ele diz coisas inapropriadas, mas elas são dirigidas para um determinado setor da elite econômica, um grupo que compreende da mesma maneira que ele a subnarrativa do lugar de ricos e pobres. Deixa claro, com isso, que precisam se aliar contra os pobres, que usam demais os serviços públicos, que andam demais de avião, que vão a lugares que não deviam ir.

(...) Porque, para ele, a origem dos problemas do país é que tem gente fora do lugar. É metafórico. Imagine se todas elas começassem a fazer isso, o que iria acontecer? Ele não está pensando como economista, pois, se isso acontecesse de verdade, seria uma alavanca para a economia. Teríamos uma categoria gastando mais dentro e fora do país, garantindo mais fluxo e mantendo a economia aquecida. Mas ele está satisfeito com a circulação reduzida. Acredita que a democracia e o progresso é coisa para poucos.

(...) Se a gente pegar o que Guedes está dizendo e colocar na boca de um economista qualquer, isso seria satirizado e a pessoa considerada por todos como alguém anacrônico. Mas, nesse tipo de discurso voltado a esse público, essa narrativa funciona. Porque está produzindo continuamente inimigos que não querem que o Brasil cresça. É parte de um discurso paranoico.

Os excertos precedentes da fala do especialista em psicanálise mostram que a ressignificação se dá também em ambientes científicos e/ou de divulgação científica, produzindo um dispositivo tecnodiscursivo intelectual. Em outras palavras, para além de a ofensa poder ser revertida ao ofensor pelo sujeito ofendido, outros sujeitos podem ressignificar essa ofensa, tomando-a enquanto objeto de estudo, evidenciando, por exemplo, que o ministro Paulo Guedes vem regularmente ofendendo os pobres nas suas intervenções. Trata-se de exemplo lapidar de um pesquisador, um psicanalista que utiliza a metodologia do trabalho em psicanálise para produzir uma resposta ressignificante, um dispositivo intelectual, aos insultos que as empregadas domésticas receberam de Paulo Guedes.

Não se trata simplesmente de polemizar com o ministro por conta de seu comentário preconceituoso, mas de mostrar, como já dissemos, que esse comentário faz parte de uma prática discursiva regular insultuosa impingida aos menos favorecidos, que acompanha o ministro em suas intervenções públicas desde que assumiu o ministério no início do governo Bolsonaro em 2018. As questões semânticas e as axiológicas nesse tipo de trabalho, o do psicanalista, importam menos do que as epistemológicas, isto é, trata-se de mostrar à luz de uma das humanidades, no caso da psicanálise, que o comentário preconceituoso de Guedes é coerente com o tipo de discurso engendrado por Bolsonaro.<sup>8</sup>

#### **4 Algumas considerações**

Conforme demonstramos no decorrer deste artigo a declaração preconceituosa do ministro Paulo Guedes provocou na imprensa e nas redes sociais brasileiras a irrupção de discursos controversos e de resistências. O debate instaurado levanta, pois, um problema social concernente à política econômica e às classes menos favorecidas. Os envolvidos no debate se posicionam, argumentam e resistem levando em consideração seus anseios e convicções. Muito deles são orientados por questões histórico-sociais, tais como:

---

<sup>8</sup> Ver por exemplo a matéria publicada na Revista Exame em 14/02/2020 <https://exame.abril.com.br/economia/parasita-ai-5-e-domesticas-na-disney-as-falas-mais-polemicas-de-guedes/>

- 1) É legítimo para um Ministro da Economia fazer uma como “No Brasil, com a cotação do dólar em alta, as classes menos favorecidas têm dinheiro para viajar?”
- 2) Qual o problema de empregadas domésticas irem à Disney? Há algum problema em preferir viajar ao exterior a fazer turismo no Brasil? Realizar sonhos é um privilégio exclusivo apenas de uma classe social?
- 3) Com a economia em crise, a população mais carente teria muita dificuldade de ir à Disney, mesmo que o dólar estivesse a R\$ 1,80. Se, no passado, empregadas domésticas foram à Disney, há alguma pesquisa que comprove isso? Se sim, não seria porque a situação econômica estava melhor? Provavelmente, as empregadas tinham mais dinheiro no bolso. O câmbio, sozinho, faz milagres?
- 4) É uma ilusão achar que o turismo doméstico seja uma alternativa barata. É muito caro viajar para o Nordeste ou para Foz do Iguaçu, como sugeriu o ministro. Aliás, o que o governo pretende fazer para incentivar de verdade o turismo doméstico?
- 5) Se a agenda econômica do ministro Guedes der certo, e o Brasil voltar a crescer 3% ao ano, haverá mais emprego e renda? O sucesso econômico, se ocorrer, tenderá a valorizar um pouco o câmbio (baratear o dólar), e a consequência lógica será um aumento no número de brasileiros em viagem ao exterior. Isso deveria ser motivo de orgulho e comemoração por parte de um ministro da Economia, pois seria a prova de que a sua política econômica estaria dando certo.
- 6) Enfim, há formas mais inteligentes e elegantes de o ministro explicar a sua defesa de um câmbio desvalorizado (dólar caro) como algo positivo para o País? O preconceito enraizado na sua fala ficou ainda pior justamente por ter vindo de alguém que trabalhou e morou muitos anos no exterior – e que provavelmente já foi inúmeras vezes à Disney, a Nova York, a Paris...

Tais questões mostram a importância de ir além do estudo do funcionamento argumentativo da polêmica por mais pertinente que este estudo seja e, o é. É preciso compreender também como os sujeitos

afetados diretamente ou não pela polêmica reagem, resistem. Uma vez que essas questões se inscrevem na interdiscursividade constitutiva da declaração sob análise e são retomadas pelos debatedores, implicados diretamente ou não no debate, compreender os seus efeitos requer que consideremos também que o discurso não tem de direito início. Ou, como diz Pêcheux,

o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que, quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1997, p. 77.)

Significa dizer que a declaração de Guedes se encontra imersa em uma rede de relações, de comentários, de alusões, de ressignificações, isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando em diferentes registros discursivos. É porque existe essa relação interdiscursiva que ela está suscetível a múltiplas interpretações. Também, por isso, é objeto de inúmeros comentários, retomadas discursivas, ressignificações em forma de resistência na mídia. Em outras palavras, há no discurso do ministro da Economia as marcas do discurso “outro”, que fazem ressurgir o interdiscurso no espaço da memória (COURTINE, 2009). Ou seja, sua fala se constrói sobre discursos “já ditos”, que alicerçam e instigam a polêmica: do ponto de vista econômico, o dólar barato estimula viagens e gastos no exterior, mas atrapalha as exportações brasileiras. Portanto, na visão do ministro, a cotação atual, acima de R\$ 4,00, é melhor para o País do que a cotação abaixo de R\$ 2,00, no passado.

Essa memória, por sua vez, tende a conjurar os acasos do discurso pela reiteração do idêntico, pelo eterno retorno do mesmo (FOUCAULT, 2006). Ela privilegia as formas discursivas da repetição (citação, recitação, comentário) e os mecanismos linguísticos da ligação, do encaixamento e do destacamento, responsáveis, em boa medida, por suas constantes retomadas discursivas. Assim, a polêmica não expõe tão somente o acontecimento a que se refere, mas demarca posicionamentos, delimita trajetórias de sentidos, modela a comunicação e sobretudo, insta os sujeitos ofendidos a resistir. Trata-se de mobilizar discursos que (re)



organizam a realidade, isto é, as interpretações do “real”, produzidas por enunciador(es) inserido(s) em determinada(s) formação(ões) discursiva(s)/ideológica(s). Em outras palavras, a polêmica levantada não traduz meramente os dois lados de um debate, mas se constitui, principalmente, a partir da resistência “no poder do qual queremos nos apoderar”. (FOUCAULT, 1986).

### **Declaração de autoria**

Este texto, que busca contribuir para que a nossa sociedade seja decente – uma sociedade é decente se o funcionamento das suas instituições não fornece razões para que seus membros se sintam humilhados [e sejam mortos] (MARGALIT, 2007) –, é o resultado dialógico de um trabalho realizado a quatro mãos, portanto fica difícil discernir o que foi produzido pelo primeiro autor e o que foi escrito pelo segundo autor. Trata-se de um conjunto de vozes que polifonicamente produzem um coro harmônico. Todavia, esclarecemos que as discussões feitas a partir do referencial teórico-metodológico proposto por Amossy (2017) ficaram sob a responsabilidade do primeiro autor e que as discussões fundamentadas em Paveau *et al.* (2020) ficaram sob a responsabilidade do segundo autor.

### **Referências**

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução Mônica Magalhães Cavalcanti. São Paulo: Contexto, 2017.

BITENCURT, J. Salles diz que Guedes se deixou manipular por sua “pureza de caráter” em discurso sobre empregadas domésticas. *Revista Forum*, [S.l.], s. p., 14 fev. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/salles-diz-que-guedes-se-deixou-manipular-por-sua-pureza-de-carater-em-discurso-sobre-empregadas-domesticas>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. In: CASE, S. E. (org.). *Performing Feminisms, Feminist Critical Theory and Theatre*. Baltimore: The John Hopkins Press: 1990. p. 270-282.

BUTLER, J. *Le Pouvoir des mots*. Politique du performatif. Trad. C. Nordmann e J. Vidal. Paris: Editions Amsterdam, 2004.

CABAÑAS, M.; FARIA, G. Preconceito escancarado. *Rede Brasil Atual*. São Paulo, 14 fev. 2020. Cidadania, s.p. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/02/guedes-so-demonstrou-o-que-a-domestica-ve-na-luta-diaria-a-discriminacao-por-parte-do-governo>. Acesso em: 10 mar. 2020.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

DASCAL, M. Dichotomies and Types of Debate. In: EEMEREN, F. H.; GARSSSEN, B. (org.). *Controversy and Confrontation: Relating Controversy Analysis with Argumentation Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 27-50. DOI: <https://doi.org/10.1075/cvs.6.03das>

DUNKER, C. Por que Guedes fala mal dos pobres? O psicanalista Christian Dunker explica. *UOL*, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/13/por-que-guedes-fala-tao-mal-de-pobre-psicanalista-christian-dunker-explica.htm>. Acesso em: 10 mar.2020

DUPRAT, D. Não é só ofensa, Guedes atua contra doméstica e servidor, diz procuradoria. *UOL*, São Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/17/paulo-guedes-age-contradomestica-e-servidor-para-alem-da-bravata-diz-pfdc.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986. MACEDO, I. Declaração de Guedes sobre empregadas na Disney foi ‘infeliz’, diz Onyx. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 2020. Economia, p. 2. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/declaracao-de-guedes-sobre-empregadas-na-disney-foi-infeliz-diz-onyx-24248944>. Acesso em: 10 mar. 2020.

KUNERT, S. *Circulations-transformations*. Le stéréotype et la norme re-signifiés: vers une théorie communicationnelle des processus de stéréotypie et de normativité. 2010. Thèse (Doctorat en Sciences de l’Information et de la Communication) – Université Paris 4, Paris, 2010.

MAIA, G. Bolsonaro evita comentar fala de Guedes, mas diz que dólar está ‘um pouquinho alto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 2020. Economia, p. 1. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/bolsonaro-evita-comentar-fala-de-guedes-mas-diz-que-dolar-esta-um-pouquinho-alto-24246076>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

MARGALIT, A. *Ocidentalismo: o ocidente aos olhos de seus inimigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAZUI, G. Em discurso, Paulo Guedes pede desculpas às empregadas domésticas. *Gl.globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 2020. Política, p. 1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/20/em-discurso-paulo-guedes-pede-desculpas-as-empregadas-domesticas.ghhtml>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MÍDIA4P. É a fala de um senhor de engenho, diz representantes das domésticas sobre a declaração de GUEDES. *Mídia4pCartacapital*, São Paulo, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://midia4p.cartacapital.com.br/e-a-fala-de-um-senhor-de-engenho-diz-representante-das-domesticas-sobre-declaracao-de-guedes>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

NOGUEIRA, L. A. Declaração de Guedes sobre domésticas na Disney foi muito infeliz. *Istoedinheiro*, São Paulo, 13 fev. 2020, p. 2. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/declaracao-de-guedes-sobre-domesticas-na-disney-foi-muito-infeliz>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

OLIVEIRA, C. M. É a fala de um senhor de engenho, diz representantes das domésticas sobre a declaração de GUEDES. *Mídia4pCartacapital*, São Paulo, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://midia4p.cartacapital.com.br/e-a-fala-de-um-senhor-de-engenho-diz-representante-das-domesticas-sobre-declaracao-de-guedes>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

PAVEAU, M. A.; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (org.). *Análise de discurso da web: uma introdução à teoria da ressignificação*. (no prelo.)

PECHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-161.

SAKAMOTO, E. Não é só ofensa, Guedes atua contra doméstica e servidor, diz procuradoria. *UOL*, São Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/17/paulo-guedes-age-contra-domestica-e-servidor-para-alem-da-bravata-diz-pfdc.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUZA, Y.; MATOSO, F. Após alta recorde do dólar, Guedes diz que cambio a 1,80 permitia a doméstica ir à Disney. *Gl.Globo*, Rio de Janeiro, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/12/apos-alta-recorde-do-dolar-guedes-diz-que-com-cambio-a-r-180-domestica-ia-para-a-disney.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2020.